

DAMAS DA LUA



Damas da lua

Jokha Alhartki

traduzido do árabe por
Safa Jubran

VENCEDOR DO MAN INTERNATIONAL BOOKER PRIZE 2019



Para minha mãe

Xeique Saíd Ibn-Muhammad
(Irmão do Massúd Ibn-Hamad
Ibn-Muhammad)

Sálima
casada com Azzán Ibn-Mayya

Hilal

Sulaymán (o comerciante)
casado com Fátima

Ishaq

Tia de Abdallah

Íssa Ibn-Xeique Ali
(O imigrante)

Najiyya bint-Xeikha
(Qamar)

Ankabuta (Khayzuran)
casada com Nassib

Zarifa
casada com Habib

Massúda
casada com Zayd

_____ Muhammad
(morreu quando ainda bebê)

_____ Hamad
(morreu quando ainda criança)

_____ Mayya
_____ casada com
_____ Abdallah Ibn-Syulaymán

_____ London 1981
casada com Ahmad

_____ Salim 1984

_____ Muhammad 1991

_____ Marwan

_____ Assmá
_____ Casada com Khalid Ibn-Íssa

_____ Ali

_____ Ghaliya

_____ Khawla
casada com Nassir

_____ Sanjar
casado com Channa

_____ Racha



Nota da tradutora

Neste romance, cujos eventos se dão no Omã, um país que teve durante o século XIX um forte envolvimento com o Império Britânico, embora nunca tenha sido legalmente parte dele, em um momento crucial de transformações políticas e sociais, no entanto ainda na encruzilhada da tradição do passado, onde se figurava como centro de comércio de escravos, e da modernização do presente no qual ingressava como produtor de petróleo, a escritora registrou a maioria dos diálogos em árabe coloquial omanense. A tradução, na intenção de preservar o aspecto informal pretendido, lançou mão de certos recursos, tais como o uso misto da segunda e da terceira pessoas ou a não aplicação da próclise (“perdi ele”, “deixar ele”), com a finalidade de exprimir uma realidade linguística semelhante, ou próxima, do que ocorre na fala cotidiana naquela aldeia do interior do Omã, sem a preocupação exagerada com a norma culta e com o que ela dita como correto. Isso fica mais evidente, quando da tradução dos vários ditos proverbiais populares e na fala de alguns personagens sem acesso a instrução escolar.

Aparecerão no texto palavras e expressões árabes transliteradas, cujo significado na maioria das vezes é facilmente deduzido pelo contexto, algumas são marcadas religiosamente, outras culturalmente, tais como: *bismallah* (em nome de Deus), *machalla* (expressão de apreço e alegria, literalmente “é da vontade de Deus”), *la ilaha ila'allah* (não há outra divindade

a não ser Deus); *allahumma salli ala n-nabi/l-habib* (Deus abençoa ao profeta/ao amado). Outros termos, ainda, do contexto religioso: *Caaba* (é o lugar mais sagrado do Islão, centro de peregrinação e para onde os devotos se voltam durante suas preces diárias; *Adha* (nome da Grande festa que celebra a disposição do profeta Abraão a sacrificar o seu filho Ismael conforme a vontade de Deus. Nesta data, presentes são trocados entres as pessoas e animais são sacrificados, cuja carne é dividida com familiares e distribuída aos aos pobres); *hadith* (literalmente “conversa”, pl. *Ahadith*) referem-se aos ditos, às conversas e às ações do profeta Maomé que foram recolhidos em dezenas de volumes e por vários compiladores, tais como o volume intitulado *Musnad Al'imám Arrabí bin-Habib* (Compilação atestada dos *Ahadith*, pelo Imã Arrabí bin-Habib), que aparece no romance. Há ainda à menção ao *Buráq*, criatura na qual, segundo a religião muçulmana, o profeta Maomé foi transportado de Meca para Jerusalém, de onde ascendeu para o céu. De acordo com a tradição, o *Buráq* é um animal branco, metade burra, metade mula, com asas. Em algumas representações, é um pavão ou cavalo com rosto de mulher.

Outros termos ainda foram deixados transliterados, sem ou com tradução, tais como *ôud* (nome de uma planta aromática) e *mseikha* (o nome de um planta típica do deserto); *nay* e *rababa* (dois instrumentos musicais primitivos); *zar* (nome de um demônio ou espírito que possuía pessoas, principalmente mulheres, e que causava doenças. É também o nome do culto da prática de exorcismo de tais espíritos); *mabrukên* (literalmente “dois *Mabruk*”, isto é, abençoado duplamente ou dupla congratulação); *kharssa* (sinônimo de

calamidade); *ya eib'ichûm* (que vexame, que vergonha!). Ainda é preciso se referir ao *Jinn* e a sua versão feminina a *Jinniya* (criaturas sobrenaturais associadas tanto ao bem como ao mal, e segundo as crenças, regem o destino das pessoas e dos lugares). *Wahabita*, isto é, o seguidor do *wahabismo*, movimento considerado fundamentalista, conservador e extremista do um ramo do islamismo. A denominação se refere a fundador do movimento, o religioso e teólogo Muhammad Ibn-Abd-Alwahab. Há ainda a menção às moedas de prata Maria Theresa, chamadas *Thaler* ou Táler. Era a moeda oficial do império austríaco e teve papel muito importante no comércio com o mundo árabe, tendo sido durante séculos a única moeda europeia em que os árabes confiavam.

É preciso, ainda, chamar a atenção para a citação de vários poetas e títulos de obras da literatura árabe, tais como Almutanabbi, Almarri, Umru' Alqays e *Almustatraf fi kul fann Mustazaraf* (*Curiosidades de todas as artes admiráveis*, do Alachbíhi).

Quanto aos nomes próprios, alguns aparecem na forma do diminutivo, com intenção de carinho, tais como: *Fattum* para *Fatima*; *Zarruf* para *Zarifa*; *Abbud* para *Abdallah*; *Mariúma* para *Mariam*, etc. Há outros nomes que aparecem com o sufixo *Abu-* (pai de) ou *Umm-* (mãe de), como em *Umm-Abdallah* (a mãe de Abdallah); é um hábito nos países árabes dirigir-se aos genitores, usando o nome de seus filhos.

Safa Jubran



Mayya

Eternamente entregue à sua máquina de costura, a *Borboleta* preta, Mayya mergulhava numa paixão calada, que agitava seu magro corpo todas as noites em ondas de lágrimas e de suspiros.

Muitas vezes tinha a impressão de que morreria de tanto desejar vê-lo. De joelhos, orando ao amanhecer, suplicava: “Deus, eu juro, nada mais quero além de vê-lo, nem quero que ele me note, Deus, eu juro, só quero vê-lo”. A mãe da Mayya achava que sua serena e pálida filha não pensava em nada nesse mundo que estivesse além dos limites de seus panos e linhas e que não escutava outro som além da máquina de costura. Mayya, porém, via todas as cores e escutava todos os sons, sempre no seu banquinho de madeira posicionado atrás da máquina, o dia todo e numa parte da noite. Só erguia a cabeça para apanhar a tesoura ou para pegar mais linha da cestinha de plástico acomodada dentro de um caixote de madeira. A mãe sentia-se agradecida, mesmo com um quê de culpa, pelo pouco apetite da filha, e lá bem no íntimo desejava que aparecesse quem apreciasse o talento da filha na costura e sua comedida apetência para as comidas, que esse alguém se casasse com ela e que a levasse para sua casa.

E esse alguém apareceu.

Estava sentada em seu banquinho de madeira atrás da máquina no final do vestíbulo comprido que separava a entrada da sala de estar, quando a sua mãe chegou radiante,

colocou a mão no seu ombro e disse: “Mayya, minha filha, Sulaymán, o filho do comerciante, pediu sua mão”. O corpo da Mayya tremeu, a mão da mãe começou a pesar muito sobre seu ombro, sua garganta secou e teve a impressão de que suas linhas davam volta em torno de seu pescoço como a corda da forca. A mãe sorriu: “Creio que já passou da idade de ficar tímida feito menininha”. O assunto acabou ali. Ninguém voltou a mencioná-lo. A mãe ficou ocupada arrumando as roupas do casamento, preparando as misturas de incenso, estofando almofadas e espalhando a notícia entre parentes. As irmãs nada comentavam e o pai entregou a questão para a mãe, afinal são as filhas dela e casamento era assunto de mulheres. Sem se deixar notar, Mayya parou de rezar, no entanto sussurrava: “Senhor, eu jurei pelo Senhor, eu jurei ao Senhor, que só queria vê-lo. Jurei não cometer nenhum erro nem revelar o que guardo no meu coração. Eu jurei tudo para o Senhor. Por que mandou esse filho de Sulaymán para a nossa casa? Acaso me castiga por meu amor? Mas eu nem me abri com ele, nada comentei nem mesmo com minhas irmãs, por que enviou esse moço para nossa casa? Por quê?”.

“Então, Mayya, vai nos deixar?”, Khawla perguntou. Mayya calou-se. Assmá perguntou: “Está pronta?”. E riu. “Lembre-se do conselho da beduína para a sua filha noiva que nós lemos no livro de *Mustatraf* que encontramos na prateleira do depósito.” Mayya respondeu: “Não foi no *Mustatraf*”. Assmá se irritou e disse: “O que você sabe sobre livros? Foi, sim, no *Livro do Mustatraf fi kul fann Mustazraf*, o livro de capa vermelha na segunda prateleira. O conselho estava lá e dizia: ‘água abundante para se banhar, *kohl* para delinear

os olhos e cuidados com a comida e a bebida”. Distraída, Mayya completou: “e rir quando ele ri, chorar se ele chora e ficar satisfeita quando ele estiver”. Khawla então interferiu: “O que há com você, Mayya? a beduína não disse nada disso, ela só aconselhou a filha a se alegrar com a alegria do marido e se entristecer com a sua tristeza”. Bem baixinho, Mayya desabafou: “E quem se importa com a minha tristeza?”. A última palavra soou estranha, deixando um clima desconfortável entre as irmãs.

Quando Mayya avistou Ali bin-Khalf, que tinha acabado de regressar sem diploma após anos de estudo em Londres, ficou abalada imediatamente. Era tão alto que quase tocou numa nuvem que passava no céu apressada. Era tão magro que Mayya queria protegê-lo do vento que levou a nuvem para longe. Era nobre. Era santo, nada a ver com aquelas pessoas que suavam, que dormiam, que xingavam. “Juro, meu Deus, que tudo que quero é apenas vê-lo mais uma vez.”

E o viu.

Na temporada de colheita das tâmaras. Estava encostado numa palmeira, sem a boina, de tanto calor. Ela o avistou, chorou, dirigiu-se até a cabeceira do riacho e chorou mais e mais.

Mayya se compôs. Fixou todo o seu pensamento na alma de seu amado. Catou cada átomo de sua existência e o orientou em direção à dele. Segurou a respiração, seu coração quase parou de bater de tanto se concentrar, e com força direcionou sua alma até ele, desprendendo-se totalmente do mundo material ao redor. Seu corpo tremeu e quase desmaiou, durante o envio de toda aquela energia enorme. Es-

perou então por um sinal, qualquer sinal que pudesse indicar que ele recebera sua mensagem. Nenhum sinal, porém; nenhuma resposta.

“Juro, meu Deus, que não quero nada além de vê-lo mais uma vez, com o suor na testa, de braço apoiado na palmeira, mastigando uma tâmara. Juro, não direi a ninguém sobre este mar revolto dentro de mim. Juro que não quero que me olhe, afinal quem sou eu? Uma menina que só sabe costurar, não sou estudada como Assmá, nem bonita como Khawla. Juro, meu Deus, vou esperar até um mês, mas, depois disso, o Senhor permitirá que o veja? Prometo fazer todas as orações, obrigatórias ou não, e não sonharei com nada que possa desagradá-Lo. Juro ao Senhor que não quero tocar sua mão, nem seu cabelo, nem quero secar o suor de sua testa sob aquela palmeira.”

Chorou, chorou muito e, quando o filho do Sulaymán, o comerciante, veio até sua casa, largou a reza e só retomou as orações após o casamento. Disse a si mesma que tudo aconteceu por causa de suas juras. Deus sabia que ela não dizia a verdade em cada palavra dita e por isso estava sendo castigada pelo pecado cometido.

Meses depois, quando engravidou, desejava ter parto fácil como o da sua mãe. Lembrou-se das palavras da mãe contando de quando dera à luz a própria Mayya: “Estava correndo atrás de uma galinha no quintal, querendo pegá-la e abatê-la, porque meu tio aparecera na hora do almoço sem avisar. De repente senti como se tivesse explodido, virei no chão de tanta dor, seu pai foi buscar a parteira Mriyya, que quando viu meu estado disse: ‘Já está na hora!’ Apoiei-me nela e entramos no quarto, fechou a porta, me fez ficar de pé, levantou

meus braços para que me segurasse na estaca fixada na parede e, quando minhas pernas me traíram, ela gritou – ‘que Deus a perdoe – *ya eib’ichûm*, que vexame, a filha do xeique Massúd dará à luz sentada porque não aguenta ficar em pé? Fique firme nas pernas!’. Fiquei de pé, agarrada à estaca até que você deslizou na minha ceroula e quase que morreu sufocada se não fosse pela parteira, que desamarrou minhas mãos e eu a tirei! Pois é, Deus é testemunha, nem ela me viu nem nenhuma outra criatura! Vão vocês aos hospitais em *Masqad*, para servirem de espetáculo para as indianas e as cristãs. Juro, Mayya, que eu dei à luz a você e a suas irmãs de pé, feito égua. Que Deus perdoe a Mriyya, que gritava na minha cara: ‘Ai de você, se eu escutar um grito sequer, todas as mulheres dão à luz! Um pio e será um escândalo, afinal você não é qualquer uma, é a filha do xeique!’. Não reclamei, não disse nada além de um ‘meu Deus’ balbuciado. Hoje, todas parem deitadas e seus gritos são ouvidos pelos homens até no final do corredor no hospital. Pois é, ninguém mais tem vergonha...”

Quando sua barriga ficou redonda a ponto de não poder mais dormir, Mayya disse ao filho de Sulaymán: “Escuta, eu não vou dar à luz aqui pelas mãos das parteiras. Quero que me leve a *Masqad*”. “Já lhe disse mil vezes que o nome é *Mascate*”, ele a interrompeu, mas ela prosseguiu como se não tivesse escutado: “Quero dar à luz no *Hospital Saada*”. “Para que meu filho seja pego pelas mãos das cristãs?”, indagou.

Mayya nada mais disse, e, quando entrou no nono mês, seu Marido levou-a para a casa de seu tio em Wádi-Adai, em

Mascate, onde se hospedou até dar à luz no hospital missionário, Saada, a uma menina magricela.

Mayya abriu os olhos e avistou sua filha nos braços da sua mãe. Adormeceu e quando abriu os olhos novamente a bebezinha estava mamando no seu peito e, quando o filho de Sulaymán chegou para ver a recém-nascida, disse-lhe que queria dar-lhe o nome de *London*. “Ela está exausta e nem sabe o que está dizendo”, pensou. No dia seguinte, voltou com a mãe e a filha para a casa do tio do marido e contou aos parentes que o nome da recém-nascida era London. A mulher do tio lhe preparou um caldo de galinha fresco, fez-lhe pão-de-folha e lhe deu feno-grego para comer com mel, ajudou-a a lavar as mãos, sentou-se ao lado de sua cama e disse: “Mayya, minha filha”. “Sim?”, Mayya respondeu. “Insiste em chamar a criancinha desse nome estranho?” – perguntou dando-lhe uma tapinha gentil no ombro – “Onde se viu alguém colocar o nome de London na filha? É nome de lugar, em país cristão. Todos estão espantados. Acho que agora que já se recuperou poderia pensar em outro nome. Dê-lhe o nome de sua mãe, Sálima”. A mãe, que estava presente, escutou e não gostou: “Por que, minha querida, você quer que ela dê meu nome à filha? Eu estou ainda viva e acabei de ser abençoada com uma neta, por acaso está querendo que eu morra para que a pequena herde meu nome?”. “Que Deus não permita – retrucou a mulher do tio –, não quis dizer isso, muitos dão os nomes dos pais aos filhos na vida. Que Deus afaste todo e qualquer mal de você, Sálima. Que seja chamada então Mariam, Zaynab ou Sáfíya, qualquer nome menos London.” Mayya pegou a filha, suspendeu-a para o alto e comentou: “O que há de errado com o nome London?”

Conheço uma mulher em Jalán que se chama London”. Já com a paciência se esgotando, a mulher do tio disse: “Você sabe que esse não é o nome dela, eles a apelidaram assim por ser muito branca, mas essa menina...”. Abaixando a filha até o colo, Mayya completou: “Não é branca como a família do pai, mas é a filha deles e seu nome é London”.

Horas depois, Sálima decidiu que já era tempo de levar sua filha e a neta de volta para sua casa em Alawafi, para concluir a quarentena de resguardo na casa da mãe e sob seus cuidados. “Escuta, Abdallah” – disse Sálima – “aqui está sua mulher que lhe deu uma menina, sua primogênita. As meninas são uma benção, ajudam a mãe e criam os irmãos. Para o resguardo, queremos quarenta galinhas vivas e uma garrafa do puro mel das montanhas, além de uma garrafa de manteiga. E quando London completar uma semana, corte seu cabelo e dê de esmola seu equivalente em prata, abata uma ovelha e distribua a carne aos pobres”. O rosto do Abdallah fechou, quando ela pronunciou com ênfase o nome da neta, mesmo assim, abaixou a cabeça, levou de volta sua pequena família e sua sogra até a terra delas, Alawafi.

Abdallah

O avião penetrava as densas nuvens. Os olhos de Abdallah resistiam ao sono, mesmo sabendo que a viagem até Frankfurt seria muito longa.

Quando as mulheres começavam a dar à luz no *Hospital Saada*, em Mascate, as máquinas de costura pretas, da marca *Borboleta*, ainda não tinham chegado a Omã. Como a Mayya já costurava nessa máquina? Nem a eletricidade tinha chegado, a não ser a poucas regiões. Talvez houvesse outros hospitais já construídos na época em que a London nascera. Sei que o *Hospital Rahma* já existia, pelo menos em Matrah e talvez o *Hospital Nahda*, em Ruwi. Então por que Mayya insistiu em dar à luz no hospital missionário? Não consigo me lembrar. Não consigo ligar todos esses eventos: a mãe dela me dizendo: “Abata uma vaca e distribua a carne, leve vinte galinhas para sua mulher, que precisa se recuperar, e uma ovelha também”. Enfatizou o ‘vinte’, mas eu já estava disposto a levar trinta galinhas e uma ovelha também. Tem ainda a mulher do tio me repreendendo aos gritos no quintal da casa antiga em Wádi-Adai: “London? E você aceitou? Você não tem opinião na escolha do nome de sua filha?”.

Aquela antiga casa. Não sei se a derrubaram ou venderam. Depois da morte do meu tio, só vi sua mulher uma ou duas vezes. Quando London se formou em medicina na Universidade do Sultão Qabus, me disse: “Pai, quero um carro

BMW”. Quando mudamos para a casa nova, Mayya colocou a máquina de costura no depósito. Por que parou de costurar? Quando parou? Logo depois que tivemos o Muhammad. Isso! No mesmo ano em que herdei os negócios do pai e mudamos para Mascate. Mayya estava tão contente, radiante, disse que não queria ficar a vida toda sob o controle de sua mãe. Quando Muhammad chegou, ela parou de costurar. Isso foi há quinze anos, quando abriram a estrada nova no Sul e construíram fábricas. Hanan, amiga da London, que lecionava numa escola primária em Salala, ligou para nos contar que um grupo de adolescentes invadiu as habitações das professoras e estupraram algumas delas, inclusive a Hanan.

Mayya preparou um grande banquete para comemorar a nova casa em Mascate, convidou todas as suas amigas. Estendeu uma enorme toalha de mesa onde foi espalhando as comidas. Sálím estava no primário e Muhammad era igual a todos os bebês. Mayya estava radiante naquela noite e colocou sua camisola azul-marinho. Quando todos dormiram, eu lhe perguntei: “Mayya, você me ama?”. Acanhou-se, ficou quieta, mas depois riu, riu tão alto que me irritou e disse: “De onde tirou essa fala de novela? Foram a antena parabólica e os filmes egípcios que afetaram seu juízo?”.

Muhammad ficou de pé sobre meu joelho e puxou minha barba com força. Mayya deu-lhe tapinha. Chorou muito. Nunca tive coragem de tirar a barba mesmo depois da morte do meu pai.

Quando as classes de alfabetização começaram, Mayya entrou direto no sexto ano, porque já sabia ler e escrever e fazer contas. Disse a ela: “Muhammad ainda está pequeno,

quando ele ficar maior você entra na escola”. “Quero aprender a falar inglês, homem!” – retrucou.

Isso foi antes de trazermos a antena parabólica. Quando lhe perguntei se me amava, e ela estava de camisola azul-marinho. Essas antenas não tinham ainda aparecido e eu não assistia a filmes egípcios.

Quando meu pai estava morrendo no *Hospital Nahda*, estendi minha mão a ele, mas ele a repudiou com força. Quando caminhei em seu funeral, minhas pernas fraquejaram. Muhammad já tinha um ano. Quando perguntei a Mayya: “Você me ama?”. Ela riu, tão alto que todas as paredes da casa desabaram e as crianças fugiram. Mayya também não assistia às novelas. Sálím passou uma época fissurado nas novelas mexicanas, depois enjoou delas, trocou-as pelos jogos de videogame. Toda vez que viajavamos para Dubai, a gente comprava dois ou três jogos.

A mãe da Mayya me pediu: “Abdallah, meu filho, eu sei que agora Mayya está sob sua responsabilidade e vai guardá-la em seus olhos, mas, por favor, não a leve a Mascate, para longe de mim. Ninguém costura como ela e, além do mais, come pouco, fala pouco”.

Eu disse a ele: “Pai, por favor, quero viajar para o Egito ou o Iraque para estudar na universidade”. Puxou-me pelo pescoço, segurou a sua barba e gritou: “Juro por essa barba que você não sai de Omã! Está querendo se rebaixar tanto? Quer voltar do Egito ou do Iraque de barba feita, fumando e bebendo?!”.

Assim, eu trabalhei no comércio com ele depois que me formei no secundário, e só mudei definitivamente para Mascate depois que ele morreu.

London era uma menina muito bonita e fofinha por aquele tempo. Toda tarde sua mãe lhe dava banho perto do canal, e ela ria sob a água corrente. Eu costumava comprar para ela papinhas *Heinz* e cereais *Milupa*. Era a única criança em Alawafi que comia essas coisas. Eu as comprava na Cantina e London ficava se gabando. Meu pai continuava me chamando de *menino*, *menino*, mesmo sendo pai de três filhos, mas eu não era menino! Toda vez que entrava no seu quarto, vindo para vê-lo, começava de novo, arrancava sua túnica e seu calção. Os raros cabelos brancos no seu peito brilharam com a luz tênue que conseguia escapar da cortina pesada. Quando me aproximei dela para abri-la, levantou o dedo e disse: “Nem tente, não se atreva!”. Numa outra vez, durante uma de suas crises da demência pela qual foi acometido dois anos antes de morrer, gritou: “Menino, menino, amarre o escravo Sanjar no tronco leste no quintal e ai de quem lhe dê água ou sombra!”. Agachei-me perto dele e disse: “Pai, o governo já libertou os escravos faz muito tempo e Sanjar já viajou para o Kuwait”.

Todo verão, London dizia: “Vamos viajar para o Kuwait”, Mayya recusava: “Para quê? Fugir do calor para mais calor? Para o Kuwait, eu não vou!”.

A filha de Sanjar se casou com um omanês e voltou para viver em Mascate. Ela me reconheceu quando me avistou no *Hospital Nahda*, onde trabalhava de enfermeira. Viu meu pai agonizante e virou a cara. Por entre os lábios negros e trêmulos, meu pai gritava: “Amarre o escravo Sanjar para

que ele não volte a roubar o saco de cebolas outra vez”. E, quando eu ficava quieto, ele levantava o bastão me ameaçando: “Não está me escutando, menino? Estou dizendo, dê-lhe uma lição para não voltar a roubar!”.

London gostava de brincar na água. Quando ela tinha seis anos, Mayya me repreendeu por tê-la deixado brincar durante duas horas na água turva da enxurrada, dizendo que ela podia ficar paralítica. Passei dias sem dormir, observando seus pezinhos, mas não aconteceu nada e continuou correndo feito uma gazela.

Os lábios do meu pai ficaram mais escuros, suas sobrancelhas, caídas e ele cuspiu por todos os lados: “Menino, amarrou o escravo Sanjar, o ladrão, no tronco leste?”. Peguei sua mão para beijá-la, afastou-me, e eu lhe disse: “Meu pai, o governo libertou os escravos e Sanjar... o governo, meu pai”. Rugiu, como se tivesse finalmente me escutado: “O que tem o governo? Sanjar é meu escravo, não o escravo do governo para ele o libertar! Eu comprei a mãe dele, Zarifa, por vinte moedas de prata, alimentei-a no tempo em que o saco de arroz custava cem moedas de prata, sim, cem moedas, uma em cima da outra. *Zarrúf*, a bela *Zarrúf*, a carinhosa *Zarrúf*, mas ela cresceu e ficou vaidosa e arrogante, casei-a então com Habib e ela pariu esse ladrão! O que é que o governo quer? É meu escravo! Como foi que ele viajou sem minha permissão? Como, *seu* menino?!” . Quando voltava a tremer e o suor lhe escorria pela nuca e pelo peito, eu o enxugava com a toalha azul, sempre pendurada num prego na porta. A toalha sumiu depois de sua morte. Quando entrei no seu quarto chorando sem parar, coberto pelo suor, procurei a toalha, mas não a achei. A máquina de costura *Borboleta*

também sumiu. Nunca fui ao depósito, mas sabia que Mayya a escondeu por lá, em algum canto. Mayya costumava fazer pasteizinhos, e eu só gostava do jeito que ela os fazia. E quando mudamos para a casa nova, ela preparou um prato enorme deles, entre outros pratos, eu lhe disse: “Mayya, deixa a empregada te ajudar na cozinha”. Nada falou, mas alguns meses depois, assim do nada, insistiu para mandar a empregada para sua terra.

De noite, o quarto estava perfumado, e ela dentro da camisola azul-marinho transparente, eu perguntei: “Mayya, você me ama?”. Calou-se, depois riu, riu, riu.

Riu.

Na classe, eu era o menino mais alto. Zarifa apertava tanto a gola da minha túnica que ficava sufocado. O mestre me perguntou: “Quanto tem?”. Tinha guardado dinheiro que gabei no dia santo e só tinha comprado um único pedaço de coco seco: “Meio rial”, eu disse. Ele gargalhou. Eu detesto o riso. Quando as pessoas riem, ficam parecidas com macacos, balançam as barrigas e os pescoços, seus dentes amarelados e careados ficam à vista. “Quantos anos você tem?”

“Dez, talvez doze.”

“Não sabe sua idade?” – riu de novo – “Você é grande demais para essa classe”.

“Que culpa eu tenho se as escolas abriram depois que eu fiquei muito grande?”, respondi.

Os meninos então gritaram e suas golas não os sufocavam estavam os sufocando como a minha: “Mestre Mamdúh, não queremos que *Abbud*, o comprido, se sente na nossa frente!”.

Mamdúh então me pegou na mão e sussurrou: “Tem algum doce típico de Omã?”. Quando balancei a cabeça que não: “Traz amanhã, então”, disse com seu sotaque egípcio.

Zarifa gritou: “Doce? Assim? Lápis, caderno, nada? Ele disse doce?”.

Habib já tinha largado dela, Sanjar fugia de casa e ela passava todo o tempo cozinhando ou cuidando de mim.

Mayya estava sempre ocupada. Primeiro, com a costura e as crianças, depois com a escola e as amigas e no final com o sono. Quando eu era pequeno, costumava sentir o cheiro do ensopado exalando da Zarifa quando enterrava minha cabeça no seu peito para pegar no sono. Mestre Mamdúh disse: “Abdallah sabe escrever o nome, por isso vai passar para o terceiro ano!”. Assim, eu fiquei no terceiro ano junto com quatro outros alunos que ou, como eu, conseguiram escrever o nome no quadro negro ou porque trouxeram guloseimas para o mestre Mamdúh.

As nuvens sumiram e o céu parecia da janela do avião, claro e límpido. Abdallah, filho do Sulaymán, adormeceu por segundos antes de abrir os olhos e murmurou: “Por favor, não me pendure de cabeça para baixo no poço, por favor, não me pendure”.